

## TOTALITARISMO, MORAL E EDUCAÇÃO: INTERCONEXÕES (IM)POSSÍVEIS?

**Lidiane Carneiro (PUCPR) \***  
lidianegcar@yahoo.com.br

**Rosa Lydia Teixeira Corrêa  
(PUCPR)\*\***  
rosa\_lydia@uol.com.br

### RESUMO:

Neste trabalho refletimos sobre as possíveis ou impossíveis conexões entre os conceitos de totalitarismo, moral e educação. A partir de um breve panorama sobre o contexto histórico do totalitarismo, tomando sempre como referência o nazismo, o fascismo e o integralismo, perceberemos a forma como uma certa interpretação de moral conduz as práticas pedagógicas da década de 1930 no sentido da necessidade de (con)formação de indivíduos a um só molde, um mesmo perfil. Assim, a análise de nossos referenciais, bem como a utilização de documentos e de iconografia da época, nos permite identificar que o fenômeno da massificação, possibilitado também pela educação, age disseminando a moral partidária e assegurando a legitimidade e o poder ao totalitarismo. A interpretação de moral a qual nos referimos é a trinitária: “Deus, a Pátria e a Família”, vivida e ditada pelos líderes, é tida pelos seguidores como doutrina, lema e fundamento, dando origem a uma espécie de “religião civil”. Portanto, entendemos o totalitarismo como uma grande mão, que tem na educação seu principal instrumento para inculcação da moral trinitária nos indivíduos, objetivando a formação e condução da massa que, por sua vez, permite ao sujeito submeter-se por não possuir outros subterfúgios.

**Palavras-chave:** Educação, totalitarismo, integralismo, moral.

## TOTALITARIANISM, MORAL AND EDUCATION: (IM)POSSIBLE INTERCONNECTIONS?

### ABSTRACT:

In this paper we reflect upon the likely or unlikely existing connections between totalitarianism, moral and education. Starting with a brief overview on the historical context of totalitarianism and drawing on Nazism, Fascism and Integralism, we are able to perceive how a certain moral interpretation leads to the pedagogical practices of the 1930's as to the need of (con)forming individuals to a single mold and a similar profile. Thus, the analysis of our reference, as well as the use of documents and the iconography of that era, enables us to verify that the phenomenon of massification, and also allowed by education, disseminates the partisan moral and ensures the legitimacy and the power of totalitarianism. The interpretation of moral in which we refer to is Trinitarian: “God, Country and Family”, which is experienced and dictated by the leaders, and it is regarded by its followers as a doctrine, motto and fundament, and also gives birth to a kind of “civil religion”. Therefore, we understand totalitarianism as a big hand that uses education as its main instrument in order to ingrain the Trinitarian moral in individuals in order to shape and lead the masses, which in turn allows individuals to subject themselves as they do not have any other perspective.

**Key-words:** Education, totalitarianism, integralism, moral.

## INTRODUÇÃO

Este artigo apresenta uma abordagem acerca dos significados dos conceitos de totalitarismo, moral e educação, buscando identificar as relações que historicamente se estabeleceram entre elas principalmente na década de 1930. O nosso caminho de investigação parte de uma contextualização histórica dos partidos totalitários europeus, dentre eles, o nazismo e o fascismo, e também o Movimento Integralista Brasileiro. Veremos que a atuação destes partidos na sociedade se deu sempre no sentido de ajustar a conduta dos indivíduos à vida totalitarista. Este ajustamento aconteceu de fato, e autores contemporâneos denominam este fenômeno como sendo “massificação”. Os instrumentos utilizados pelo Estado são identificados como a educação e a propaganda. No caso deste estudo, analisamos a educação, e a forma como a interpretação moral fornecida pelo totalitarismo incorpora-se às práticas pedagógicas deste período. A moral trinitária, Deus, Pátria e Família, é o grande lema levantado pelos líderes e inúmeros são os motivos que discutiremos mais adiante. Acalenta o indivíduo já bastante atormentado pela situação política e econômica vivida no final da década de 1920, principalmente acentuada pela Grande Crise de 29. A fragilidade vivida por estes indivíduos e em especial neste período, faz com eles transfiram seus ideais e destinos às mãos dos grandes líderes, dos grandes homens que representavam a força e o poder, qualidades estas que eles naquele momento, não eram capazes de perceber em si próprios.

### 1. O Totalitarismo

Quando falamos de totalitarismo, estamos nos referindo àqueles partidos que apresentam traços característicos comuns. A saber: a autoridade suprema de um líder que apresenta características de “divindade”. Seu pensamento é tido como redentor; incorpora simbologias que vão desde signos a uniformes, palavras de guerra até rituais realizados pelos membros do partido e estendidos à população em concentrações coletivas, onde são realizados pomposos discursos em enaltecimento à nação e à moral dos indivíduos que a compõem. Sua imagem é também disseminada por meio de forte propaganda quando da utilização de meios de comunicação para a educação das massas<sup>1</sup>.

Os partidos totalitários europeus tiveram espaço num momento sócio histórico, político e econômico em que o mundo ocidental passava por grandes transformações em todos os setores da sociedade. As modificações mais significativas, certamente, foram perceptíveis no âmbito econômico, cujo reflexo se fez sentir nos demais setores da sociedade. A principal mudança a ser analisada é a social, pois estas denunciam uma crescente emergência das massas e a necessidade de adaptação dos mais variados setores da sociedade à nova realidade, objetivando “criar” um novo homem que legitimasse e perpetuasse a ação totalitária. Analisar o totalitarismo em suas inferências na educação formal significa tomá-lo como problema, uma vez que a educação totalitarista, como vimos, tem o propósito apenas da formação e perpetuação de uma massa de manobra.

A partir do clima de insegurança gerado pelas transformações sentidas por toda a sociedade europeia, o mínimo de conquistas precisava continuar sendo assegurado em termos de desenvolvimento industrial, pois a França e a Inglaterra viam seus domínios econômicos e principalmente políticos, ameaçados pela Alemanha em ascensão. A Primeira Guerra Mundial representa justamente isso. O Embate entre dois

blocos, um Imperialista, até então tido como consolidado que se vê sob a ameaça de um novo concorrente, a Alemanha.

A Primeira Guerra Mundial (...) assinalou o colapso da civilização (ocidental) do século XIX. Tratava-se de uma civilização capitalista na economia, liberal na estrutura legal e constitucional; burguesa na imagem de sua classe hegemônica característica; resultante com o avanço da ciência, do conhecimento e da educação e também com progresso material e moral; e profundamente convencida da centralidade da Europa, berço das revoluções da ciência, das artes, da política e da indústria e cuja economia prevalecera na maior parte do mundo, que seus soldados haviam conquistado e subjugado, uma Europa cujas populações (incluindo o vasto crescente fluxo de emigrantes europeus e seus descendentes) haviam crescido até somar um terço da raça humana; e cujos maiores Estados constituíam o sistema da política mundial (HOBSBAWM, 1995, p. 16).

Após a Primeira Guerra, a economia americana expande-se vertiginosamente. Os Estados Unidos tornam-se credores de grande parte de um mundo destruído e estabelecem-se enquanto potência econômica mundial. Esta onda próspera alcança também a Europa, mas em 1929, uma grande crise, gerada por inúmeras especulações, feitas no pós-guerra abala a economia planetária. Este seria o cenário propício ao florescimento do totalitarismo em boa parte da Europa. Mosse (1989) afirma que a configuração política dos anos trinta do século XX reflete apenas aquilo que o povo apresentava enquanto desejo e vontade. Os líderes políticos eram os instrumentos construídos pelo próprio povo, para satisfação desta vontade geral.<sup>ii</sup> O abalo geral causado pela crise de 1929, associado a um crescimento vertiginoso da técnica e dos processos de industrialização, fizeram com que o homem europeu, em especial, perdesse sua referência. A nação era ainda aquilo que o povo todo ainda tinha em comum: a língua, a história, a paisagem. O que “sobra” para este povo é o ponto de partida para a reconstrução. Desta forma, esse conceito de nação está ligado a um conceito de origem, portanto, sagrado para o homem da década de trinta. Neste sentido, as democracias parlamentares ficam em desvantagem, pois o grande desejo das massas é transcender a política partidária que representa sempre o interesse de um grupo político. O homem neste período quer assegurar que o conceito de nação fique e não passe diante das grandes transformações que estavam acontecendo. Assim, a forma de governo ideal para este homem, é aquela que pode transcender a política partidária, e ao mesmo tempo, representar segurança e proteção. Por isto, o totalitarismo consegue arregimentar tantas pessoas, uma verdadeira massa, em função de seus ideais, pois ele, o Estado Totalitário, é nacionalista, quer preservar aquilo que o povo quer, isto é, a unidade e a força de uma nação, criando desta forma uma “religião civil” (VAUDAGNA, 1989).

Para que esta religião civil produzisse seus efeitos, a Nação deveria combinar um senso de imutabilidade, de eterno, por meio de uma unidade nacional, da criação de uma grande comunidade de “iguais”, companheiros e irmãos. O estranho neste processo poderia “sujar” a imagem de uma nação com um grande passado e tradição. Por isso, a maioria da população não se opõe e muitas vezes até apóia os intentos do governo totalitarista que quer banir e aniquilar o diferente. *A educação seria o fator indispensável para uniformizar este pensamento.* Assim, as massas disciplinadas aderiram e sucumbiram aos interesses do governo, pois este lhes atribuíra um sentido, o sentido da força, da vida, ainda que coletiva. Desta forma, o grande papel do

totalitarismo nos anos trinta foi de dar proteção a um povo e ocultar seu desenraizamento. O que acontece, é que o preço desta confiança atribuída ao Estado fica caro, quando se fala do ser humano individual. O totalitarismo vê nesta desolação da população a grande oportunidade de afirmação e legitimação de seu poder.

A Itália já vivia sob o comando de Mussolini desde 1922. Em Portugal, o Salazarismo viria em breve, assim como na Espanha do General Francisco Franco e Stálin, na União Soviética (totalitarismo de esquerda). A crise do início dos anos de 1930 foi responsável direta para que em 1933, houvesse a criação do partido Nacional Socialista na Alemanha, onde Adolf Hitler assume o cargo de Chanceler. No Brasil, à sombra destes partidos totalitários, surge o Integralismo - fundado em 7 de outubro de 1932, por Plínio Salgado, que não chega a ocupar efetivamente o poder. Em 1937, o então presidente Getúlio Vargas, dá nova cara ao que seria o Brasil até então, republicano. A partir da Instituição do Estado Novo, passa a governar de forma totalitária, a exemplo principalmente do fascismo italiano. Todos estes governos diferenciavam-se apenas na *forma* de alcançar seus propósitos, nas características de suas intervenções, na maioria das vezes, militares, mas assemelhavam-se bastante no que diz respeito ao desenvolvimento de uma forma de discurso que conferia legitimidade autoritária aos líderes.

## 2. Moral Totalitarista

O período em que situamos o foco de nossa atenção – 1930/1945 – configura uma época particularmente importante da sociedade, tanto européia quanto brasileira, momento em que se pensava formar cidadãos dotados de profundo sentimento cívico, patriotas genuinamente nacionais. A necessidade pedagógica de então era a de idealizar indivíduos cujos comportamentos fossem compatíveis com tal perspectiva. Subservientes e fiéis seguidores dos ideais nacionais de uma pátria autônoma. Qual foi o fator que permitiu legitimar a ação dos governos totalitaristas? Certamente a disseminação de uma moral de homens fracos, ou de indivíduos, segundo Nietzsche, incapazes de pensar para além das diretrizes dadas pelo líder do “rebanho”. Essa incapacidade de pensar além poderia se justificar pelo fato de que a moral totalitarista, apresentada aos indivíduos em seus processos educativos, fosse a única realidade ou única interpretação da realidade possível e existente, e definida como panorama no qual ele deve desenvolver-se como indivíduo e como cidadão. Mais do que dissimular ou justificar uma realidade, a educação totalitarista, revestida de uma grande e inquestionável influência moral, trata de processar a perpetuação de homens-massa, de modo que não haja oposição possível. Tal processo ideologizante, leva o homem a uma mecanização, a uma coisificação de si e de seus atos, que podem ser, então, previstos e programados, ou seja, ele é inserido no rebanho.

Os movimentos totalitários de uma forma geral apresentam em comum os mesmos dogmas da moral trinitária: Deus, Pátria e a Família. Mostram, também, a aversão ao estrangeiro e à diferença, uma disciplina irracional, uma obediência cega e incontida a uma ordem opressora, e o cerceamento à liberdade de expressão. Veremos como esses arcabouços ideológicos assumem veementemente a moral que lhes é subjacente, de forma a delinear perfeitamente suas arestas. No caso do Integralismo Brasileiro, a moral trinitária “Deus, a Pátria e a Família”, vivida e ditada pelos líderes aos seus seguidores como uma doutrina sagrada, significa mais do que um lema, é seu fundamento. Essa moral serve de referência para um tipo de hierarquia que necessariamente deve ser cumprida e respeitada, a exemplo de outros movimentos precedentes de semelhante teor ideológico – os partidos totalitários europeus.

Demonstraremos como essa moral trinitária, presente nos movimentos totalitários europeus e também no Integralismo brasileiro, possui frágeis fundamentos se observados à luz das críticas elaboradas pelo filósofo alemão Wilhelm Friedrich Nietzsche (1844-1900).

A religião sossega a mente do indivíduo em tempos de perda, de privação, de pavor, de desconfiança, portanto, quando o governo se sente sem condições para fazer diretamente algo para mitigar os sofrimentos da alma do homem privado: e mesmo diante de males gerais, inevitáveis e, de imediato, inelutáveis (fomes, crises monetárias, guerras), a religião assegura um comportamento pacato, paciente, confiante da multidão. Por toda a parte onde as eficiências necessárias ou contingentes do governo de Estado ou as conseqüências perigosas de interesses dinásticos se tornam perceptíveis àquele que é inteligente e o tornam recalitrante, os não-inteligentes pensam ver o dedo de Deus e se submetem com paciência às disposições vindas do alto (conceito este em que de hábito se confundem formas divinas e humanas de governo): assim é preservada a paz civil interna e a continuidade do desenvolvimento.<sup>iii</sup>

E ainda:

Para dizer mais uma vez, concisamente, o que foi dito: o interesse do governo tutelar e o interesse da religião vão de mãos dadas um com o outro, de tal modo que, quando esta última começa a morrer, também o fundamento do estado é abalado. A crença em uma ordenação divina das coisas políticas, em um mistério na existência do Estado, é de ordem religiosa: se desaparece a religião, o Estado inevitavelmente perderá seu antigo véu de Ísis e não despertará mais nenhum terror sagrado. A soberania do povo, vista de perto, serve para afugentar a última feitiçaria e superstição do domínio desses sentimentos; a democracia moderna é a forma histórica do declínio do Estado.” (NIETZSCHE, 2004, § 472)<sup>iv</sup>

Apesar desse movimento nunca ter efetivamente conquistado um pleno exercício de ação política no Brasil<sup>v</sup>, ao contrário dos partidos totalitaristas europeus, serve-nos como objeto de estudo uma vez que seu ideário moral (moral trinitária) assemelha-se a daqueles, confirmando a continuidade e a inspiração desse movimento no mesmo lema da moral trinitária presente nos partidos totalitários europeus: Deus, a Pátria e a Família, como ficam evidentes na imagem de número 01. Vejamos alguns princípios constantes nas Diretrizes Integralistas, onde os elementos dessa tríade podem ser encontrados:

I - O Integralismo compreende o Mundo de um modo total, e pretende constituir a Sociedade, segundo a hierarquia de seus valores espirituais e matérias, de acordo com as leis que regem os seus movimentos e sob a dependência da realidade primordial, absoluta, suprema, que é Deus;



XVI - O Integralismo, visando promover o aperfeiçoamento moral e espiritual Nação, declara-se pelo espiritualismo contra todas as correntes materialistas de pensamento e de ação que acobertadas pelo liberalismo, vêm exercendo a sua obra nefasta de desintegração de todas as forças vivas da Pátria;

XI - Para o Integralismo a Família é a primeira e mais importante das instituições sociais, pois que, por sua natureza ao mesmo tempo biológica e moral, é o nascedouro da vida social e o repositório de suas mais lídimas tradições. Cumpre, pois, ao Estado para manter indissolúvel o vínculo que a constitui, proteger e favorecer a sua integridade, respeitar os seus direitos intangíveis e lastrear a sua autonomia e a sua comunhão de afetos com bases econômicas sólidas (...). (DIRETRIZES INTEGRALISTAS, Publicação Oficial, 1933, p. 5 - Grifos nossos).

São, ao todo, vinte e seis Diretrizes que devem ser seguidas pelos Integralistas, cuja base alicerça-se nas categorias Deus Pátria e Família. É importante destacar que essas categorias ou elementos, representam uma grande hierarquia como é possível abstrair do trecho a seguir:

O Princípio da Autoridade: Uma Nação, para progredir em paz, para ver frutificar seus esforços, para lograr prestígio no Interior e no Exterior, precisa ter uma perfeita consciência do Princípio de Autoridade. Precisamos de Autoridade capaz de tomar iniciativas em benefício de todos e de cada um; capaz de evitar que os ricos, os poderosos, os estrangeiros, os grupos políticos exerçam influência nas decisões do governo, prejudicando os interesses fundamentais da Nação. Precisamos de hierarquia, de disciplina, sem o que só haverá desordem. Um governo que saia da livre vontade de todas as classes é representativo da Pátria: como tal deve ser auxiliado, respeitado, estimado e prestigiado. Nele deve repousar a confiança do povo. A ele devem ser facultados os meios de manter a justiça social, a harmonia de todas as classes, visando sempre os superiores interesses da coletividade brasileira. Hierarquia, confiança, ordem, paz, respeito, eis o de que precisamos no Brasil (MANIFESTO de 7 de Outubro de 1932).vi

Destaca-se, por exemplo, que a harmonia de todas as classes, ou seja, a ordem é orientação que procura escamotear a idéia de existência de conflito social como garantia de progresso. Ainda sobre a autoridade, lemos nas Diretrizes Integralistas: II) – “Essa hierarquia, na qual se fundam o princípio e o exercício da Autoridade, faz prevalecer o Espiritual sobre o Moral, o Moral sobre o Social, o Social sobre o Nacional e o Nacional sobre o Particular”.

Em um cartaz da Propaganda Integralista a moral trinitária se evidencia, assim como na frase de Plínio Salgado, maior líder desse movimento, percebemos que aderir aos princípios dessa moral requer a renúncia à própria vida:

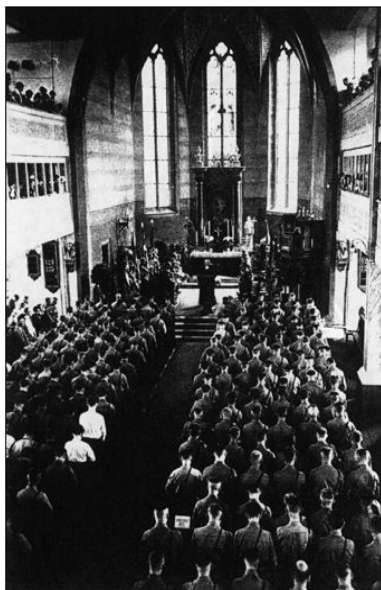


**Imagem 01: Cartaz da propaganda integralista enfatizando a moral trinitária**  
Fonte: [www.integralismo.org.br/novo/?cont=165&vis](http://www.integralismo.org.br/novo/?cont=165&vis)

É interessante perceber, como os conceitos de Pátria, e tantos outros com conotação religiosa, são muito usados pelos líderes totalitários e autoritários. Mas, do ponto de vista hierárquico estabelecido por esta moral, cumprem a sua missão pela divindade. Nesse sentido, servir à pátria torna-se um bem supremo equivalente à aproximação máxima de Deus uma vez que aquela se confunde com Este. A missão é, antes de tudo, divina, por isso, ela distancia sobremaneira o indivíduo de laços terrenos. Na Enciclopédia do Integralismo, documento que reúne em alguns volumes a summa da ideologia integralista, podemos ler no volume nono, dedicado à educação, a estreita relação desse movimento com a religião:

...numa civilização inspirada e informada pelo humanismo cristão, uma e outra devem ser cristocêntricas, pois a Religião precisa observar fielmente os mandamentos do Homem-Deus, e a Política não pode deixar de submeter-se às normas ditadas pela sabedoria incriada de Cristo-Rei. (...) Numa civilização realmente cristã, tudo no mundo social deve girar em torno da figura exponencial e divina de Jesus Cristo. (...) O Integralismo não admite a igreja subordinada ao Estado, nem o Estado subordinado à igreja. Ambos são livres, autônomos e autárquicos, mas não devem divergir, porque estão sujeitos à soberania do mesmo senhor supremo do Universo (ENCICLOPÉDIA DO INTEGRALISMO, 1958, p.129 )

A seguir, algumas imagens que demonstram a relação estreita que os principais líderes do totalitarismo demonstravam possuir com a moral cristã:



**Imagem 02:** esquerda: Exército Marrom de Hitler participando de uma cerimônia religiosa.

**Fonte:** <http://images.google.com.br/imgres?imgurl=http://www.adventistas-bereanos.com.br/imagens>



**Imagem 03:** direita: Exército Marrom de Hitler deixando a Igreja.



**Imagem 04:** Mussolini com líderes da Igreja Católica

**Fonte:** [blogdasabedoria.blogspot.com/2007/02/tratado](http://blogdasabedoria.blogspot.com/2007/02/tratado)

As fotografias e documentos denunciam a forma como o nazismo e o fascismo, aqui demonstrados, pretendiam utilizar o simbolismo advindo da religiosidade para demonstrar ao público alemão e italiano, na sua maioria quase que absoluta, cristãos católicos, que estes não estavam por cumprir apenas uma missão partidária, mas uma missão que possuía a benção do próprio Deus.



### 3. A Educação totalitarista

A educação nos moldes da educação totalitarista, com todo o seu relacionamento autoritário entre professor e alunos, introjetava nas estruturas subjetivas o respeito à autoridade e ao poder superiores, assim como o medo da repressão; independentemente de mascarar ou não as injustiças sociais, de justificá-las ou não através de desígnios naturais e/ou divinos, ensinava pré-conscientemente a cada indivíduo a necessidade da obediência e do respeito à ordem social. E o mais importante é que, dando-se ao nível pré-consciente, esse aprendizado seria determinante para a consciência mesma do indivíduo, passando a fazer parte de sua estrutura subjetiva, ou seja, de sua forma de perceber o mundo e de relacionar-se com ele. Mais adiante veremos que Hannah Arendt discute este nível de atuação da ideologia “pré-consciente”, como “sexto sentido”, ou seja, algo não perceptível visivelmente, mas sutil e por isso mesmo, violento.

Podemos citar como exemplo de uma educação totalitarista ideologizadora e, por assim dizer, massificadora o seguinte documento: A Revista de Educação Física organizada pelo Órgão do Centro Militar de Educação Física, no Rio de Janeiro, de periodicidade mensal. Na edição de março de 1936 encontramos um artigo com o seguinte título: “Princípios Pedagógicos”, que foi escrito pelo 1º Tenente Valdemar de Lima e Silva. Observe que os “princípios pedagógicos” neste período eram determinados de acordo com a ideologia daqueles que controlavam a vida militar. Veja:

A educação então, deve atuar sobre a criança, desde os primeiros anos, isto é, quando tem ainda a máxima plasticidade, e não está ainda com certos hábitos, e menos ainda se acha formado o caráter. A educação tende a fazer da criança um homem; tem a sua ação, pois, enquanto o indivíduo está se tornando homem e cessa a sua ação quando o indivíduo não tem mais necessidade do auxílio e do domínio dos outros<sup>vii</sup>. (...) A educação social deve ter sempre em vista que a sociedade é uma organização que não existe separada dos indivíduos que a constituíram, mas consiste na sua vontade de se unirem e de cooperarem para o bem comum. Os indivíduos não perdem a liberdade e a autonomia, e nem se transformam em autômatos dóceis e passivos: conservam e reforçam a sua personalidade. A educação da sociedade deve ter sempre em vista este princípio: o respeito e o favorecimento da personalidade (LIMA E SILVA, 1936, p. 3)

Percebe-se a real intencionalidade da educação na formação de um “caráter” do indivíduo, e a enorme contradição que apresenta no final da citação quando diz respeitar a personalidade. Há ainda outros títulos desta mesma revista: “Hegemonia e Raça”, de agosto de 1933 e “Ich Rufe die Jugend der Welt! Eu chamo a mocidade do mundo!” escrito por J.R. Toledo de Abreu. “Em Benefício da Raça” é a transcrição de um discurso proferido pelo Dr. Israel Souto, Secretário do Chefe de Polícia ao VII Congresso Nacional de Educação, em julho de 1935. “Refazendo o Povo Alemão – A Educação Física em larga escala é o centro do programa nazista”, por Mary Hungerford, em outubro de 1935, “Educação Moral e Educação Física” pelo Capitão Inácio de Freitas Rolim, de onde se destaca a seguinte citação:

A ginástica, abrangendo a pratica de todos os exercícios que tornam o homem mais corajoso, mais intrépido, mais inteligente, mais sensível, mais forte, mais habilidoso, mais adestrado, mais veloz, mais flexível e mais ágil, não resta a menor duvida que ela será a colaboradora indispensável e valiosíssima para a preparação moral e social das gerações mais jovens (grifo nosso)

Mais do que dissimular ou justificar uma gama de interpretações existentes da realidade, trata-se de processar a perpetuação de um único modo de interpretação, de modo que não haja oposição possível. A educação ideologizadora, portanto, contribui de forma consciente ou inconsciente para a construção de certos valores individuais e sociais ou para a perpetuação de contra-valores. Isto se configura em uma ameaça, pois tal processo alienante, ideologizante, leva o homem a uma mecanização, a uma coisificação de si e de seus atos, que podem ser então previstos e programados. Nas palavras de Gallo:

A escola é produtora de células sociais, transformando cada indivíduo, cada possibilidade de uma subjetividade singular numa célula reprodutora da ideologia da máquina de produção. Podemos afirmar, assim, que mais fundamental e mais importante que as funções de camuflagem ou justificação/legitimação que a ideologia escolar sem dúvida tem, é a sua função material, produtora de indivíduos corretamente programados para o perfeito funcionamento social (2007, p. 10)

A educação escolar massificadora é responsável por inculcar ideologicamente nos seus alunos uma mesma verdade, uma interpretação da realidade como a única possível e real. Quando a educação de que falamos é totalitarista, a realidade apresentada então é a mesma gerada e proferida pelo Estado, que trata inicialmente seu grande líder como herói da Pátria, como uma figura semi-divina, da qual emanam as normas e regras de convívio e ordem social. Ele também pode decidir sobre a forma como se deve agir e pensar, como se deve passar o tempo e sobre a felicidade dos homens, os destinos e o futuro de toda uma geração de indivíduos que, a principio, possui sonhos, interesses e desejos diferentes entre si. Mas esta diferenciação é anulada pela ideologia massificadora totalitarista.

O líder totalitário deve ser obedecido cega e incondicionalmente, pois ele possui a “missão divina” de governar e organizar a sua pátria. Para que essas imagens de “divindade” e “missão” pudessem efetivamente ser inculcadas em toda uma população de forma a garantir o sucesso do intento totalitarista, o principal instrumento a ser utilizado é o forte teor ideológico nas propagandas e nos conteúdos e procedimentos pedagógicos das escolas. Vejamos na seqüência imagens que demonstram os líderes totalitários em situação de proteção e cuidado com seu povo:



**Imagem 05: Capa de caderno**

Fonte: [www.fisqed.it](http://www.fisqed.it)



**Imagem 06: Capa de uma revista alemã.**

Tradução: "Crianças, o que vocês sabem sobre o Führer?"

Fonte: [www.inidia.de/hitler\\_kinder\\_plakat.gif](http://www.inidia.de/hitler_kinder_plakat.gif)

Percebe-se que, além das crianças, os professores em seus cursos formadores eram alvos da propaganda totalitarista. A pretensão era mostrar é que eles eram o *grupo*, o *coletivo*, a *massa*, que deveria trabalhar juntamente com suas famílias, e em suas escolas, para contribuir para que o líder e suas ordens divinas cumprissem seu intento de garantir o “bem comum”, mesmo que isto custasse a anulação total do indivíduo em

seus interesses particulares até a sua própria vida. Desta forma, entende-se que o intento totalitarista de massificação não teria se concretizado não fosse a disseminação da ideologia do partido. Nas palavras de Arendt: “as ideologias são fenômenos muito recentes e, durante varias décadas, tiveram papel insignificante na vida política. Somente agora, com a vantagem que nos dá o seu estudo retrospectivo, podemos descobrir os elementos que as tornaram tão perturbadoramente úteis para o governo totalitário.” (ARENDR, 1998, p. 520)

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A investigação que originou este estudo nos direciona inevitavelmente a um determinado período histórico, no qual percebemos que a concatenação dos termos *moral*, *educação* e *totalitarismo* são de tal modo limitados, e a tarefa de compreender cada um em si mesmo, é no mínimo, árdua. A contextualização histórica e política do período – a década de 1930 - permitiu compreender que a *educação totalitarista* constituiu-se como um instrumento eficaz de disseminação de uma *moral* que, por sua vez, tinha o papel de uniformizar e controlar os homens para que fossem fiéis cumpridores de seus deveres para com os superiores, as leis ou os seus legisladores. Quando os indivíduos são anulados, de forma a considerarem válido apenas o pensamento de um líder, então temos um problema moral. Quando os indivíduos anulam-se de forma que as suas vontades, de como podem se alimentar, vestir ou pensar sejam determinadas por placas ou comerciais de televisão, temos também um problema moral. Tudo o que é moral intensifica e potencializa a vida em todas as suas formas de expressão e o seu oposto, um problema. Todo problema por sua vez merece atenção, análise e investigação de todos aqueles que lidam diretamente com o problema para que seja efetivamente resolvido.

O referencial teórico analisado ainda nos possibilitou perceber que ao mesmo tempo em que o homem é vítima, ele é também causador de sua própria massificação. Isto por que a ideologia proposta pelo poder dominante possui em suas raízes algo de muito mais profundo e originário do que uma simples propaganda política; do que a segurança econômica e financeira decorrentes da estabilidade política de um país; representa antes de tudo uma segurança existencial, um chão e fundamento. Revestidos de um ar sagrado e espiritual, e carismático, os líderes totalitaristas arregimentavam cada vez mais as massas que, por sua vez, caminhavam no sentido de buscar este fundamento que lhes carecia. Como grandes pais, eles poderiam assegurar que aquela nação não passaria diante das dificuldades externas, que tudo teria continuidade, seu idioma, sua cultura, suas paisagens. Tudo estaria ali conforme deixaram os antepassados. A força de um exército formado pelos filhos desta nação representava a força de cada um lutando contra a sua própria efemeridade. Indivíduos, famílias, escolas, aglomerações de jovens, soldados, todos estavam empenhados em torno de símbolos e rituais e palavras de ordem, sacrificando-se e sacrificando seus filhos pela “grande causa”, perpetuando, assim, os ensinamentos morais advindos do grande pai.

Por outro lado, do ponto de vista ideológico as pretensões totalitárias, aqui analisadas, se constituem num ideário cuja necessidade de ser retomada torna-se sempre um imperativo, justamente em razão de que, por meio deste trabalho, foi possível constatar diferentes modos e/ou mecanismos que tornaram possível, pela educação escolar, concretizar um pensamento o qual precisaria ser não só disseminado naquele período, mas que se tornasse legítimo pela crença que conformaria o que os líderes desejariam ver circulando e apropriado pelos sujeitos.

Além disso, a apreciação moral sobre o totalitarismo nos permitiu constatar, com base nos autores que se constituíram em referência para esse estudo, que foi possível apreender esse fenômeno para além da simples apropriação ideológica devido ao seu efeito e, por assim dizer, repercussão moral, ante as possibilidades de incidir diretamente nas condutas dos indivíduos, principalmente quando essas possibilidades podem potencialmente ser concretizadas pela educação escolar. Neste sentido, nazismo e fascismo sedimentaram-se para além do ideário neles contidos, de conformá-lo em modos diferenciados de objetivação que pudessem de certo modo torná-los perenes. Desse modo, a educação escolar cumpriria um papel e função reprodutora por excelência ante as condições postas materialmente para as finalidades definidas para cada ideologia.

## REFERÊNCIAS

ARENDT, Hanna. *As Origens do Totalitarismo*. Tradução: Roberto Raposo; São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

ENCICLOPÉDIA do Integralismo. Rio de Janeiro: Clássica Brasileira, [1958-1960].v. 9

FONDI STORICI ITALIANI DI QUADERNI ED ELABORATI DIDATTICI  
[www.fisqed.it](http://www.fisqed.it)

GALLO, Silvio. Educação, Ideologia e a Construção do Sujeito. In: [http://www.educacaoonline.pro.br/educacao\\_ideologia.asp](http://www.educacaoonline.pro.br/educacao_ideologia.asp). Acesso em 12/12/2007.

HOBBSAWM, H. *A Era dos Extremos: o breve século XX 1914-1991*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

MOSSE, G. In: VAUDAGNA, Maurizio. *L'Estetica della Politica* – Europa e America Negli Anni Trenta. Roma: Laterza, 1989.

NIETZSCHE, W. F.. **Humano, demasiado Humano** [Menschliches, Allzumenschliches Ein Buch für freie Geister.] Projekt Gutenberg.de. Spiegel on.line.

\_\_\_\_\_. **Além do Bem e do Mal, prelúdio a uma filosofia do futuro** [Jenseits von Gut und Böse. Vorspiel einer Philosophie der Zukunft] 1886). Projekt Gutenberg.de. Spiegel on.line.

\_\_\_\_\_. **Aurora, reflexões sobre preconceitos morais** [Morgenröte. Gedanken über die moralischen Vorurteile.] 1881). Projekt Gutenberg.de. Spiegel on.line.

REVISTA de Educação Física. Organização do Órgão do Centro Militar de Educação Física do Rio de Janeiro, periodicidade mensal. 1933, 1935, 1936.

## NOTAS



---

\* Mestre em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Pontifícia Universidade Católica do Paraná.

\*\* Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação da Pontifícia Universidade Católica do Paraná.

<sup>i</sup> Apesar de apresentarem traços comuns, certamente classificar estes partidos, no caso de nosso artigo, o nazismo, o fascismo e o integralismo, como totalitaristas seria desprezar a riqueza de peculiaridades que cada um destes apresenta. Mas pelo fato de uma discussão acerca de usar ou não usar este termo classificatório não caberia no âmbito deste texto, optamos apenas por construir esta nota.

<sup>ii</sup> Ver o estudo de George Mosse in: VAUDAGNA, Maurizio. *L'Estetica della Politica – Europa e América Negli anni Trenta*. Roma: Laterza, 1989.

<sup>iii</sup> Humano, demasiado Humano, § 472. **Menschliches, Allzumenschliches:** [Denn die Religion befriedigt das einzelne Gemüth in Zeiten des Verlustes, der Entbehrung, des Schreckens, des Misstrauens, also da, wo die Regierung sich ausser Stande fühlt, direct Etwas zur Linderung der seelischen Leiden des Privatmannes zu thun: ja selbst bei allgemeinen, unvermeidlichen und zunächst unabwendbaren Uebeln (Hungersnöthen, Geldkrisen, Kriegen) gewährt die Religion eine beruhigte, abwartende, vertrauende Haltung der Menge. Ueberall, wo die nothwendigen oder zufälligen Mängel der Staatsregierung oder die gefährlichen Consequenzen dynastischer Interessen dem Einsichtigen sich bemerklich machen und ihn widerspänstig stimmen, werden die Nicht-Einsichtigen den Finger Gottes zu sehen meinen und sich in Geduld den Anordnungen von Oben (in welchem Begriff göttliche und menschliche Regierungsweise gewöhnlich verschmelzen) unterwerfen: so wird der innere bürgerliche Frieden und die Continuität der Entwicklung gewahrt.]

<sup>iv</sup> Idem. **Menschliches, Allzumenschliches:** [Um das Gesagte noch einmal kurz zu sagen: das Interesse der vormundschaftlichen Regierung und das Interesse der Religion gehen mit einander Hand in Hand, so dass, wenn letztere abzusterben beginnt, auch die Grundlage des Staates erschüttert wird. Der Glaube an eine göttliche Ordnung der politischen Dinge, an ein Mysterium in der Existenz des Staates ist religiösen Ursprungs: schwindet die Religion, so wird der Staat unvermeidlich seinen alten Isisschleier verlieren und keine Ehrfurcht mehr erwecken. Die Souveränität des Volkes, in der Nähe gesehen, dient dazu, auch den letzten Zauber und Aberglauben auf dem Gebiete dieser Empfindungen zu verscheuchen; die moderne Demokratie ist die historische Form vom Verfall des Staates.]

<sup>v</sup> Sua ação como partido político, bem como a existência de qualquer partido político no Brasil foi duramente reprimida pela Ditadura Vargas.

<sup>vi</sup> **Documento: Manifesto de 7 de Outubro de 1932.** Histórico: Nesta data, “realiza-se uma reunião de intelectuais paulistas, convocada por Plínio Salgado, com a finalidade de criar uma organização, que partindo do estudo da realidade brasileira, estabelecesse uma orientação política segura, face ao caos que se instalara no País, após a Revolução de 30”. O discurso inicia-se assim: “- À Nação Brasileira – Ao operariado do país e aos sindicatos de classe – Aos homens de cultura e pensamento – À mocidade das escolas e das trincheiras – Às classes armadas!”

Artigo recebido em: 21/7/2008

Aprovado para publicação em: 11/9/2008